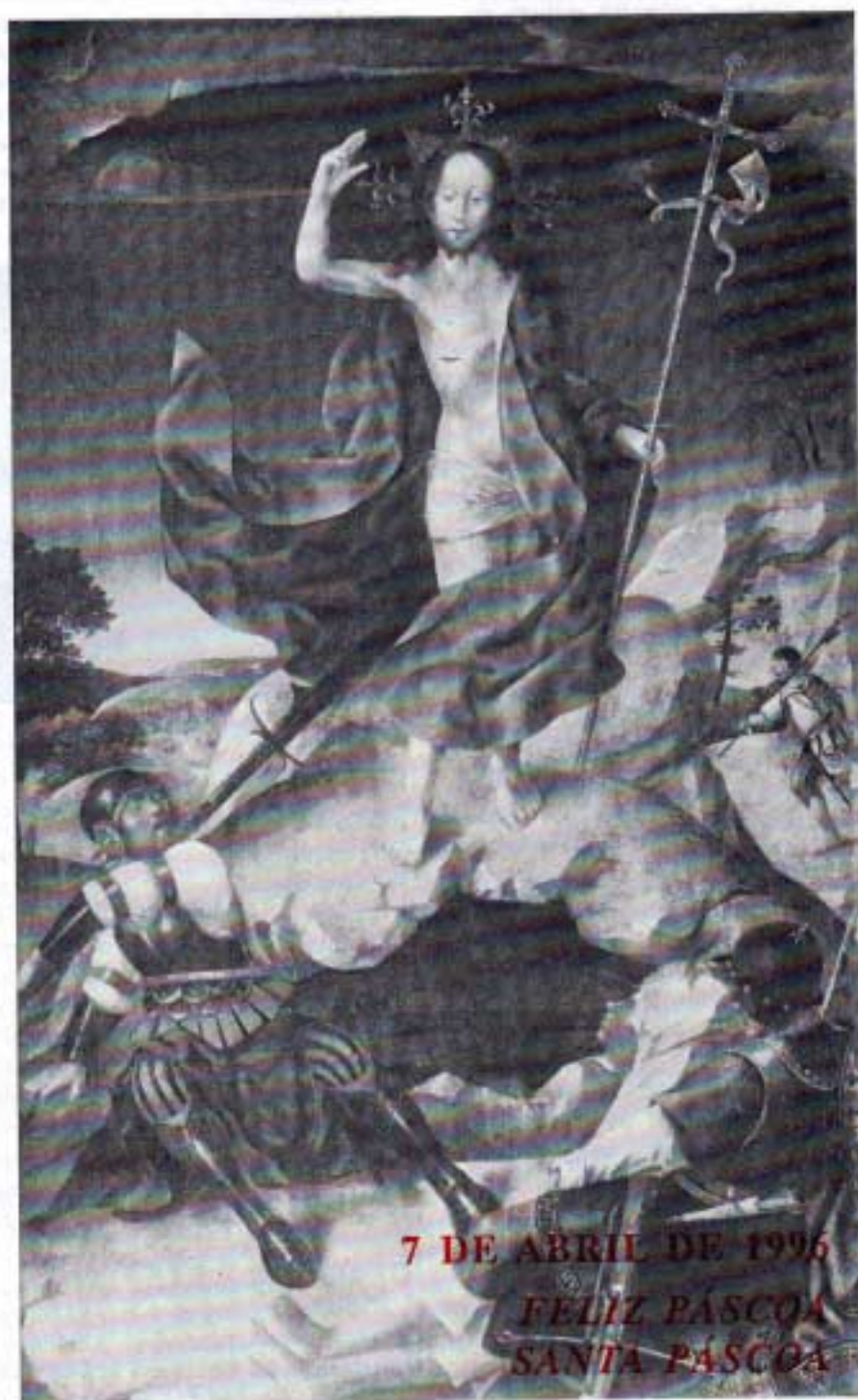


JANEIRO - MARÇO 1996



# Roteiros

24. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro



7 DE ABRIL DE 1996

FELIZ PÁSCOA  
SANTA PÁSCOA

A Ressurreição de Cristo de Vasco Fernandes. Museu «Grão-Vasco» Viseu.



# A HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA E O FIM DO RENASCIMENTO PORTUGUÊS (\*)

A história trágico-marítima assim como as outras obras dos grandes cronistas portugueses João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda e Diogo de Couto é um dos mais elucidativos documentos da vida portuguesa dos séculos XVI-XVII. Trata-se de uma colecção de histórias sobre naufrágios desde a primeira metade do século XVI, da época de maior actividade marítima. Tais relatos eram publicados pouco tempo depois do naufrágio, geralmente por algum sobrevivente. Estes relatos publicavam-se nas edições baratas e despertavam sempre o interesse do leitor. Em 1735 Bernardo Gomes de Brito (1688-1759) reuniu uma dúzia destes contos em dois volumes a que deu o sugestivo título "História trágico-marítima". O valor desta obra cimeira da literatura portuguesa depreende-se do Canto V d'"Os Lusíadas" de Luís de Camões, em que Adamastor conta a história trágica do galeão S. João, a história da morte do capitão Manuel de Sousa Sepúlveda e sua mulher Dona Leonor e filhos.

46 Outro também virá, de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
É consigo trará a fermosa dama  
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Pera verem trabalhos excessivos.

É interessante a ligação destes relatos com a cultura do Renascimento. Deste ponto de vista tem interesse especial a relação da viagem e naufrágio da nau S. Paulo, escrito por Henrique Dias, criado do Sr. D. António, Prior do Cristo, neto do Manuel I, o último regedor de Portugal antes da tomada do poder por Filipe II. Quase todos os relatos da História trágico-marítima têm o mesmo tema: a luta contra a natureza durante a navegação, doenças, mortes, naufrágios. Os portugueses que conseguiram alcançar a costa marítima em busca de salvação, sofrem privações e tormentos, salvam-se e regressam à pátria. Habitualmente as naus navegam à Índia Oriental com duzentos marinheiros, passageiros, mulheres e filhos e trezentos escravos, para além da carga. S. Paulo dirigia-se à Índia Oriental com escalas no Brasil. A viagem era difícil devido às constantes tempestades. As tormentas perseguiram a nau, alcançando no fim da viagem: as desaventuras na ilha depois do naufrágio, batalhas com aborígenes e depois o encontro da feitoria portuguesa.

Quem é Henrique Dias? Durante a navegação, como ele próprio escreve, cuida da gente, trata-a, apesar de não estudar medicina, na sua pátria era boticário e nesta qualidade partiu para a Índia com o intento de servir a el Rei no hospital em Goa. Abastecendo as boticas reais

em Lisboa, Almeirim e Tomar, ele conhecia os médicos e cirurgiões do rei e com eles ia adquirindo conhecimentos e experiência prática na medicina. Ele sabia sangrar, fazer clíster, fricções, gargarejos, como aplicar xaropes e purgado. Na nau, Dias de dia e noite, cheio de boa vontade e amor fraternal consagrou-se a facilitar os sofrimentos dos doentes, utilizando medicamentos que tinha para o uso de toda a tripulação, porque as boticas de Lisboa forneciam apenas pomadas pouco aplicáveis, em vez de curativos necessários para a vida e saúde dos doentes. Dias conta estes factos para demonstrar que este procedimento é justo e razoável, sem fins lucrati-



Vista duma parte de Lisboa dos Descobrimientos de Zacarias Felix Doumet  
— Início do Séc. XIX

vos. O boticário é pessoa instruída, ele sabe a poesia da Antiguidade, cita Horácio e Virgílio, a Bíblia e o Evangelho, sabe filosofia grega, conhece o tratado de Juan Luís Vives. (1) A sua crónica sobre a navegação não é a representação seca dos acontecimentos, embora a sua sucessão seja muito exacta. A sua narração interrompe-se pelas divagações líricas, em que ele exprime as ideias sobre a natureza do homem, aprecia as diferentes pessoas, estas considerações apesar de pouco profundas são importantes e típicas para a mentalidade do homem do Renascimento graças à forma retórica em que estão expostas. É a mentalidade do Renascimento que surgiu da síntese das culturas da Antiguidade e cristã, a fusão dos restos da erudição greco-latina com a ética cristã e

(\*) Publicamos este ensaio da Profª Doutora Irina A. Kohklova Professora da Cátedra de Português da Faculdade de Letras da Universidade de S. Petersburgo, Académica da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e Sócia Fundadora do Centro de Cultura Luso-Brasileiro de S. Petersburgo.

(1) António Sergio. Em torno da história trágico-marítima. Obras completas. Ensaios, Tomo VIII. Lisboa, 1974. P.79.



sabedoria bíblica que formam a consciência. Não diremos que na nau S. Paulo está a personalidade renascentista universal, um escritor e filósofo eminente, diremos antes que quem lá vai é o homem da cultura do Renascimento, que a reproduz nas suas meditações, e esta mesma cultura forma as impressões de Dias, entra organicamente na realidade da navegação, actualizando a diferença dos tempos e a sua ligação. Dias é o homem do século XVI e para ele não são idênticas a vastidão do oceano, o sentimento poético de Virgílio e os objectos da percepção: "Mare undique et undique coelum", como diz Virgílio e conta do seu Eneas, navegando pelo mar Tirreno, tão diferente deste oceano, sem fim, em sua largura e grandeza, cujas ondas nós iam cortando, segando e correndo". (2)

Dias não elogia os marinheiros, que se têm em grande conta sem coração e sentimentos. Nas calamidades e tormentas não pensam em Deus, nem nos Santos e é por isso que Juan Luís Vives lhes chama *fex maris*. O exemplo é o piloto de S. Paulo. (3)

O homem do século XVI, que cai nas vastidões do oceano e em poder da natureza, é dominado pelo pavor durante a tormenta e pela esperança em alcançar a terra quando aparecer o Sol. A Fortuna domina o homem, a sua vida e morte. E o espanto ante o espaço, onde o calor insuportável, frio e neve lembram o inferno, o inferno terrestre, porque "não nos contentando com o que nos é dado e concedido de Deus, nos obriga nossa cobiça, *omnium laborum radix*, deixar nossa amada pátria e lares próprios, tão desejados, só por fugirmos à pobreza, que não pode ser maior que a deste estado, em que sofremos e passámos o fogo e frio de ambas as zonas". (4)

A Pátria, a casa paterna e Deus constituem o centro a que tende a alma, e o afastamento deste centro no espaço e no tempo é semelhante ao movimento centrífugo. Os conhecimentos dos espaços longínquos não é

razão para penetrar neles. Esta sabedoria segundo a opinião de Dias possuía a civilização antiga "... as zonas tão memoradas dos antigos, a que eles nunca conheceram nem viram, e menos experimentaram suas quenturas e frialdades; o que tudo penetrámos por coriscos, rochas e perigos incríveis e imensos, do que já também em seu tempo se queixava Horácio dos seus naturais romanos, e clamava dizendo:

Impinger extreos curris mercator ad Indos,  
Per mare pauperiem fugiens, per faxa, per ignes.  
Ne cures ea quoe stulte miraris et optas  
Dicere, et audire, et meliori credere non vis". (5)

A força que leva a alma do centro é a insatisfação do homem. Esta ideia de Horácio: "... não há aí nenhum mortal que contente viva e não houve a fortuna e sorte dos outros e reprove a sua própria" está ligada com outra de Ovídio: "Que cresce o amor e cobiça do dinheiro, tanto quanto ele mais cresce; e assim a vida humana, como o santo Job afirma, é uma batalha ordenada sobre a terra". (6)

Deste modo este ímpeto para o homem é pôr a prova e a tormenta de Deus, como no Livro de Job: "Põe a tua mão sobre ele, lembra-te da pelaja, e nunca mais tal intentarás". (41, 8) A poesia greco-latina e a Bíblia estão fundidas na consciência, na qual existem como interdependentes, o que permite à consciência ficar no centro, isto é em Deus e no seu ninho paterno — Portugal, quando o tempo e o vento tentam levar a alma para as vastidões. Esta concentração da alma, a sua aspiração a Deus, a claridade da mentalidade e coração, o seu ethos conservam a personalidade, ao contrário do que pensou F. Pessoa, que a extensão da alma e seu titanismo é isomorfo ao espaço. Por isso a luta antiga dos mares contra os ventos, donde os mares saem sempre vencidos não é a causa dos naufrágios e catástrofes, são próprios marinheiros incultos, avaros, cruéis e desumanos os culpados. A impiedade dos marinheiros confirma a narração sobre a morte de D. Isabel, uma menina de 15 anos que navegava com a família do seu tio e caiu ao mar. Os marinheiros entenderam não deitar o batel à água dizendo por razão que a nau ia já muito longe. E só depois do capitão ameaçar cortar a cabeça ao piloto empunhando espada para o fazer, os marinheiros decidiram ajudar a deitar o esquife ao mar e só depois de duas horas de buscas a acharam morta sobre a água. "...mas é condição já mui velha de marinheiro contradizer sempre e aprazer-lhe o mal, por sua natural e má inclinação, e não consentir nunca, nem admitir, conselho nem cousa dita sobre o seu ofício, ainda que saiba muito certo, e tenha por averiguado, perder-se a nau com quantos nela vão...?" (7)

No erro do piloto está a causa do naufrágio e é a partir daí que começam todas as torturas dos portugueses, as suas caminhadas pela ilha, as doenças, mortes,

## INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral  
N.º de Registo 112 874

### Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres  
(Secretário-Geral do IDJC)

### Redacção

Sede do Instituto  
R. D. Francisco de Almeida, 49 - (Restelo)  
1400 LISBOA  
Telef. 302 17 28

### Propriedade

Instituto Dom João de Castro  
N.º 212 873

### Difusão

Pedidos à Redacção

Fotocomp. e imp. na Minigráfica - Coop. de Artes Gráficas, CRL  
Rua da Alegria, 30 - Tel. e fax 346 47 20 - 1250 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

(2) Bernardo Gomes de Brito, História trágico-marítima. Publicações Europa-América, s. a. Vol. I. P.187.

(3) Ibidem. P. 187.

(4) Ibidem. P. 198.

(5) Ibidem. P. 199.

(6) Ibidem. P. 199.

(7) Ibidem. P. 201.

(8) Ibidem. P. 235.



brigas e castigos pelos seus pecados. A salvação chega como resultado do fortalecimento da alma, consagração aos interesses comuns, da disciplina e por um feliz acaso. Dias termina o seu relato com a cita do Salmo 106: "Os que descem ao mar nas naus, fazendo operação nas águas muitas, esses viram as obras do Senhor e as suas maravilhas no profundo. Determinou, e veio logo o espírito da tempestade e levantaram-se suas ondas, e sobem até os Céus e descem até os abismos, e as suas almas em tais trabalhos pasmaram, turbaram-se e moveram-se, e como alienados do siso, pareceu todo o seu saber. E nisto chamaram ao Senhor quando estavam atribulados, e de todas suas necessidades os livrou, e tornou a tempestade em um vento fresco e suave e abrandaram as ondas do mar; alegrem-se porque cessou sua fúria; e enfim os pôs no porto de seu contentamento." (\*)

O postulado principal da filosofia da vida não é navegar em buscas das coisas fúteis e transitórias, mas viver como se deve em conformidade com os testamentos de Deus e a Igreja católica aumentando os talentos que Deus concedeu ao Homem. As narrações sobre os naufrágios da primeira metade do século XVI e ainda dos anos 60 relatam a luta contra os elementos e as batalhas na costa africana contra os aborígenes. Estes naufrágios aparecem-nos como o resultado da Fortuna cruel e extraídos da necessidade histórica proveniente da violação da natureza, os dois oceanos — Atlântico e Índico

pertencem aos portugueses. Porém, no fim do século XVI a situação muda, Portugal perde a sua independência, a armada portuguesa, a flor da frota portuguesa é derrotada e os ingleses e holandeses começam a caça dos galeões portugueses que transportam tesouros da Índia. A Frota holandesa chefiada pelo almirante Cornelius Houtman conquista Java e Sumatra, expulsa os portugueses do Brasil que foi reconquistado depois de 1640. A História trágico-marítima conta as derrotas dos portugueses nas batalhas contra os luteranos ferozes e avaros. Os autores descrevem minuciosamente todas as peripécias da luta. A crueldade dos calvinistas não conhece limites, os seus canhões fundeavam os lentos galeões, sobrecarregados de escravos e tesouros, arrancavam a última camisa dos soldados e marinheiros, bofeteavam almirantes portugueses. O livro faz uma menção ao capitão Francisco Drake que deitou ao mar o crucifixo de ouro depois da abordagem da nau portuguesa São-Filipe, porque a sua fé o impediu de adorar os ídolos e íconos e viu no ouro não o ouro, mas a Cruz de Deus e só o mar lhe pareceu capaz de resolver as suas dúvidas. Mas o importante é a concepção nova, a superioridade do inimigo consiste em melhor equipamento das naus, na sua velocidade, artilheria de longo alcance. Aqui fala o novo século — o século XVII, e recorda-se a história vitoriosa de Portugal, as conquistas da sua frota e os seus direitos às terras de que se apossaram os hereges.

## COMPLETE A SUA BIBLIOTECA COM LIVROS DE ALTA QUALIDADE

O Instituto D. João de Castro deseja ajudá-lo nesse seu projecto cultural e dispõe das seguintes obras:

Legado Político do Ocidente de Adriano Moreira, César Albuquerque e Alexandre Bugalho .....	5.000\$00
Europa em Formação — Adriano Moreira ..	2.500\$00
Comentários — Adriano Moreira .....	1.500\$00
Colecção de Tratados, Convenções e outros actos públicos relativos a Portugal — Henrique Martins de Carvalho, 5 Volumes .....	15.000\$00
Ensaio Sobre o Problema de Estado, 2 Volumes de Adelino Maltez .....	5.000\$00
Imperial-Comunismo — Adelino Maltez .....	4.000\$00
Estratégia, 6 Volumes .....	6.000\$00
Mudança Cultural do Brasil .....	3.000\$00
Obras Completas de D. João de Castro, 4 grandes Volumes. Coordenação de Armando Cortesão e de Luís Albuquerque — cada Volume .....	12.500\$00
— A Colecção completa .....	50.000\$00

(Estes preços têm um desconto de 30% para os nossos sócios e leitores de *Roteiros*).

# AGP

## VIAGENS

Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA  
Tel. 352 24 69 — Telefax 42754 Acptur P — Fax 354 09 03  
Lic. DGT n.º 378/83

### FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122  
Telef. 387 22 88 — Telefax 64888 Acpano P  
Fax 387 08 41

Rua Santa Catarina, 848/852 — 4000 PORTO  
Telefs. 200 24 99 — 200 25 00  
Telex 27133 Acptu P — Fax 200 25 02



UMA  
QUESTÃO  
DE QUALIDADE



# EM LEMBRANÇA DE ALMERINDO LESSA

Universidade Internacional – 20-XI-95



Prof. Doutor Almerindo Lessa

Direi algumas palavras breves sobre Almerindo Lessa, entre outras razões porque a sua dimensão humana aconselha à sobriedade com que os clássicos lidaram com a grandeza. Tive a oportunidade, noutra reunião que também a Universidade Internacional promoveu para o recordar, de falar da sua vida sofrida, sempre em atrito com o conservadorismo dos poderes institucionais, porque sempre

adiantado de alguns passos no entendimento da mudança. Porque a época que lhe aconteceu viver foi de acelerada alteração de todas as estruturas, da sociedade civil e do Estado, e também de muitas das categorias mentais resistentes.

Por isso tanto se ocupou do tempo, o tempo tribulo em que insistia o muito seu amigo Gilberto Freyre, sobretudo a leitura do futuro que ele tinha precebido que está sempre presente.

O tempo com o qual a única coisa que podemos fazer é não o perder, porque o resto faz ele tudo implacavelmente.

Para usar o seu tempo, Almerindo relacionou alguns temas desafiantes que lhe foram inquietações da vida toda, e que identifiquei deste modo: o homem; as relações do homem com o universo; a maneira portuguesa de ser homem e de se relacionar com o universo.

Pelo que respeita ao homem, a sua primeira e duradoura investigação foi para a sangue, com uma preocupação bem diferente de Malaparte, mas demonstrando sempre a importância que simultaneamente atribuiu à sua consideração médica e antropológica. Neste aspecto, o sangue do mistério da fé que é verdadeira bebida de acordo com a sentença litúrgica, mas que, por outro lado, fixa valorações e comportamentos acrílicos das comunidades, preocupadas com o sangue azul, com o sangue que ferve de cólera, com o mau sangue que inspira comportamentos antisociais, com o sangue sacrificado em testemunho das convicções, com a irmandade do sangue, com o sangue derramado a favor da justiça e por imposição da injustiça.

Por isso não se limitou ao doutoramento pela Universidade do Porto (1956), nem ao doutoramento em Ciências pela Universidade de Toulouse (1980), nem à obtenção do então ilustre título de Médico dos Hospitais (1944), nem à responsabilidade de dirigir o Serviço de Sangue dos Hospitais; logo se embrenhou no estudo do mistério dos cruzamentos que hoje estão presentes na genealogia de todos os grupos humanos, e andou peregrino pelas Universidades do Brasil, pelas iniciativas e experiências da Comissão de Cooperação Técnica em África (CCTA), pelo Colégio de França, e também aqui pelos ensinamentos da antropologia, em Lisboa no ISCSP, em Évora onde se jubilou, e finalmente nesta sua e nossa Universidade Internacional.

Mas o tema dos portugueses do mundo, que o levou a enunciar o conceito da ocupação pela Enxertia de Homens em que se traduziu a diáspora, ou armada ou pacífica, por todos os continentes, teve uma expressão que ficou clássica, e que é *O Homem Cabo-Verdeano* (Lisboa, 1957). O fascínio pelo milagre humano do Arquipélago, posto ali despovoado desde o começo do mundo, à espera da experiência portuguesa da convergência de raças e culturas, dominou sempre o seu envolvimento nos estudos de antropologia referentes à área lusitana, na África com Sengor, no Brasil com Gilberto, e no Oriente com os seus amigos do Colégio de França. Aqui, o projecto inteligente, original e pioneiro da Universidade de Macau, ficará a lembrar um dos rasgos notáveis da sua imaginação criadora, e mais um marco das suas decepções. E finalmente o mistério do Universo, que enfrentou em companhia de Teilhard de Chardin, logo na década de setenta, quando a descoberta do profeta era recente, quando Morris West apenas adivinhava em *As Sandálias do Pescador* que o seu pensamento ainda marcaria a evolução romana, quando católicos e marxistas partiam dele para alguns primeiros encontros de reconhecimento, quando os doze amigos que o acompanhavam no acto de supultamento se multiplicaram por milhares de leitores em todas as latitudes. Foi no I.S.C.S.P. que encontrou apoio para lançar publicamente a discussão sobre a doutrina do ilustre desaparecido, cuja obra foi acidentalmente salva do esquecimento dos arquivos pela acção de antigas colaboradoras do padre. Entre elas Dominique de Wespín, poetisa sob o pseudónimo de Magloire, inspiradora da Sociedade Teilhard de Chardin de Bruxelas, à qual Almerindo deu o forte apoio da sua lucidez e persistência. Tinha encontrado um conceito que os unia, e a que se manteve fiel toda a vida: olhar em frente e para cima, a caminho do ponto Omega da convergência final.

Adriano Moreira

## TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

de Adriano Moreira

Adquira e leia o 1.º livro escrito em Portugal sobre Ciência Política

Peça o seu exemplar ao Instituto D. João de Castro

Rua D. Francisco de Almeida, 49 — 1400 LISBOA  
Telef.: 302 17 28



# INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS - 90 ANOS:

## UM CONCEITO CIENTÍFICO E PEDAGÓGICO (1)

1. Vamos hoje continuar um diálogo iniciado nesta sala em 14 de Novembro de 1966, no acto de abertura solene das aulas da Universidade Técnica, oportunidade então de advogar a criação de um Ministério da Ciência, de que agora, passados trinta anos, estão a ser definidas as primeiras estruturas.

Uma lentidão comprovativa de que os factos vão evoluindo no tempo social acelerado, enquanto que os conceitos operacionais e culturais teimam em obedecer a um tempo social demorado. E por isso, com um panorama de interrogações muito mais complexo e severo do que então, tudo a manter e agravar a dúvida que por esse tempo tomava forma na pergunta, que também de facto era já uma resposta, de Hauser: *are the social sciences ready?*

Andavam a criar raízes as condenações dos utopismo e do profetismo, ganhando credibilidade os esforços que, desde 1949, Ossip Flechtelm desenvolvia em torno de uma possível futurologia, reforçados pelas esperanças fundadas que homens como Bertrand de Jouvenel faziam nascer sobre a possibilidade de definir o que ele chamava *L'Art de la Conjecture*.

Estava em vigor a ordem dos Pactos Militares que duraria até 1989, e que deu ao Ocidente a segurança da alienação na variável do medo recíproco, entre a NATO e Varsóvia, permitindo a fixação das energias no desenvolvimento económico, a adesão aos valores da economia de mercado, a adopção das *rising expectations* consumistas como objectivos estratégicos, a recusa de eliminar a relação viciosa entre corrida armamentista e desenvolvimento.

Por isso, a questão de Hauser, e a principal interrogação da arte crescente da prospectiva, diziam respeito a variáveis que são ainda identificadas como importantes na conjuntura actual,

mas que não se dirigiam ao facto básico da política, da balança de poderes, da hierarquia das potências: indagava-se sobre qual seria a evolução demográfica de cada país e do planeta no quarto de século a seguir, perguntando pela pirâmide etária previsível, pela repartição das populações por regiões, pelo avanço do urbanismo; tratou-se de averiguar da evolução da produção, das alterações quantitativas e qualitativas da respectiva composição; apontava-se para o eventual passivo da energia, das matérias primas; cuidava-se da evolução do comércio e das razões de troca.

A necessidade de organizar a investigação e o ensino na área das ciências sociais, que estas



O Prof. Adriano Moreira pronunciando a Lição Comemorativa dos 90 anos I.S.C.S.P.

questões reclamavam e animavam, sempre teve de confrontar-se com aquilo que então chamei o complexo de Savonarola, o frade que, no século XV, pregara a Lourenço de Medicis sobre os futuros, e não se deu conta deste facto relatado por Guicciardini: "não agradava muito a Lourenço esta pregação, e... talvez porque tinha certo respeito a Frei Jerónimo, pois entendia que ela era de boa vida, não lhe proibiu pregar, ainda que eventualmente o advertisse, por intermédio de Messer Agnolo Niccolini, por Pierfilippo e outros, que falasse pouco de *de futuribus*".

O complexo que ainda era vigoroso no ambiente de vários países na década de sessenta, e

(1) Discurso pronunciado pelo Prof. Doutor Adriano Moreira na sessão comemorativa dos 90 anos da criação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas em 18 de Janeiro de 1996.



sólido no espaço português, não apenas contrariou o processo de uma definição programática geral da investigação e do ensino das ciências sociais, como também limitou severamente a evolução de escolas como a nossa, que a concepção administrativa do poder tinha colocado inadvertidamente numa área onde os desafios dos factos da mudança cresciam em velocidade e agudeza.

Não se tratava apenas de áreas da economia, do desenvolvimento e da assimilação e conversão, mas directamente da estrutura política interna e internacional, tudo em revisão, em larga medida em crise, inesperadamente levando a explosões e implosões violentas dos vários sistemas soberanos.

Os Lourenços deste século começavam a mudar de atitude em relação às ciências sociais, à análise desestruturante do poder interno, à avaliação prospectiva dos relacionamentos internacionais, à identificação das variáveis exógenas, à cenarização dos futuros possíveis.

Quando, nessa década de sessenta, o governo da França criou o chamado *Grupo 1985*, encarregado "d'étudier sous l'angle des faits porteurs d'avenir, se qu'il serait utile de connaitre dès a présent de la France de 1985 pur étudier les orientations générales du V. Plan", estava iniciado o processo de reabilitação da Savonarola.

2. A nossa escola, nascida do movimento cívico que a Sociedade de Geografia de Lisboa desencadeou quando, no fim do século passado, o Euromundo estendeu o seu poder à África negra, foi inscrita numa concepção do Estado, a qual era geral em toda a área das democracias estabilizadas da frente atlântica, e que considerava as populações nativas como a cera mole que os ocidentais moldariam.

Os instrumentos do poder e a sua definição; a intervenção soberana na implantação das fronteiras imperiais; a definição administrativa dos mercados; a história dos homens e dos feitos envolvidos na gesta; o levantamento dos usos e costumes para fundamentar uma percepção colonial; a identificação dos povos e das suas tradições e instituições para articular a cadeia de comando político; a missionação e o ensino assimiladores, tudo fazia parte do procurado conhecimento do terreno da campanha civilizadora e missionária a empreender, dentro de um sistema racionalizado, estabilizado e ocidental.

Essa primeira fase, que durou até à década de sessenta, não encarava uma possível disfunção do modelo que não resultasse das rivalidades tradicionais entre as potências ocidentais, de acordo com uma longa experiência histórica na qual avultava a memória dolorosa do Ultimatum de 1890.

Lembremos professores como Lopo de Sampalo, Santa-Rita, Mendes Correia, António de Almeida, que ao mesmo tempo que avançavam no conhecimento dos factos, das coisas e das pessoas em todos os territórios coloniais, também pressupunham um equilíbrio da balança internacional de poderes que garantia a integridade da jurisdição interna portuguesa; fiavam de um fervorosamente cultivado patriotismo estruturante a decisão interna e a credibilidade externa da Nação portuguesa; davam por sólida a adesão das gerações a um desígnio nacional histórico.

A tormenta da guerra de 1939-1945 foi muito encarada como uma provação a que todos os povos, de todas as culturas, que formavam o Império, tinham sido poupados, e as celebrações do Duplo Centenário, assim como a assinatura da Concordata com a Santa Fé em 1940, foram rodeadas de uma liturgia que não pressupunha alteração do sistema internacional e do modelo nacional, desde que passada a crise recorrente da guerra civil europeia então em curso.

3. A mudança da percepção foi também aqui tributária da regra que mostra os factos a determinarem a mudança em tempo social acelerado, e os modelos culturais e os conceitos a adoptarem um tempo social demorado.

A responsabilidade assumida pelos alunos do Instituto na vida dos territórios foi valorizando uma percepção mais antropológica das diversida-





des culturais e étnicas, estando por explorar o acervo dos Relatórios do corpo administrativo, em cuja pirâmide foram progressivamente entrando os diplomados da Escola, testemunhas participantes do quotidiano e do excepcional, observadores da diferença entre a regularidade suposta pelos sistemas decretados e a realidade que o poder dos interesses condicionava.

Na estrutura do ensino, o Curso de Altos Estudos, que mais tarde teria a definição de Curso Complementar, foi o canal que principalmente manteve a comunicação entre a Escola e a vida, dada a circulação dos diplomados que partiam logo que a primeira parte do curso (três anos) os habilitava a entrar na carreira administrativa, voltando anos depois para essa prova académica de maturidade.



Assistência à Sessão Comemorativa dos 90 Anos do L.S.C.S.P. — 18/1/96

Ao lado dos antes citados Relatórios de serviço, também as dissertações feitas para satisfazer as exigências curriculares, baseadas na experiência vivida e na observação pessoalmente recolhida, enriquecem o fundo que espera avaliação já distanciada das inquietações que os autores por regra traziam da acção interrompida pelo regresso aos claustros.

Entretanto, o condicionamento internacional foi tornando evidentes as rupturas com o sistema Euromundista que tinha vigorado até ao abalo final da guerra de 1939-1945, tirando fundamento à esperança mística que rodeara as celebrações do Duplo Centenário, porque definitivamente se verificava que, desta vez, não era a política tradicional do regresso à balança do poder anterior aos conflitos, que estava em vigor, tratava-se antes de ensaiar uma radical mudança na hierarquia das potências, um novo modelo da

segurança mundial, uma nova gestão da comunidade dos Estados.

A entrada de Portugal na ONU, e todo o alarmante conflito que imediatamente se verificou entre o conceito estratégico português, e o conceito estratégico dos fundadores da organização, tudo encaminhou o Instituto para uma leitura revista das informações que lhe vinham chegando do terreno, conjugadas estas com a experiência da mudança do sistema internacional, em que muitos dos seus professores e diplomados foram chamados a participar.

As escolas que entre nós se organizaram em função dos temas autonomizados pela evolução ocidental do século passado, não foram criadas nem cresceram dentro da organização universitária clássica, que por vezes repudiou as experiências, e assim aconteceu com a economia, com a agronomia, com a veterinária, com a engenharia, e também com as ciências sociais.

Todas foram recolhidas na Universidade Técnica, de novo criada em Lisboa pelo Ministro Cordeiro Ramos em 1930, mas a concepção administrativa da função colonial, intransigentemente mantida até à década de sessenta, permaneceu capaz de impedir que o desacato universitário alastrasse a essa área.

Foi-nos todavia possível vencer essas resistências muitos anos depois, em 1961, baseados num conceito que talvez possa sintetizar deste modo: o pluralismo das culturas, etnias e crenças, não pode ser chamado à convergência que se inspira na regra de que todos

tem o direito a ser diferentes, e tratados como iguais, sem que o conhecimento apoie uma percepção recíproca esclarecida; o alargamento liberalizante da economia de mercado, pressuposto pela concepção internacional da Carta da ONU, exigia um aprofundado estudo das economias de subsistência agredidas pelo modelo em expansão, com repúdio das antigas estruturas coloniais; a mudança acelerada do ordenamento político internacional tornava evidente a condição exógena do Estado português, que perdia o amparo dos elementos do seu sistema que não dependiam do exercício da soberania; as organizações internacionais a que o país pertencia, concretamente a NATO, a EFTA, a Comunidade Luso-Brasileira, a Santa Sé missionária, aceleravam a redefinição dos seus conceitos estratégicos específicos, entrando em contradição e conflito com o conceito estratégico constitucional



português, e com o conceito estagnante da função colonial administrativa.

Corresponde apenas aos factos dizer que a Escola assumiu isto com rigor académico, que deu o exemplo de aprender com os erros para recomeçar, que encontrou dentro de si própria a criatividade necessária para a renovação, que não renunciou ao risco de formular uma proposta universitária de renovação e de se bater por ela.

Nenhum dos envolvidos teve as desventuras de Savonarola, porque as muitas contrariedades não acendiam fogueiras, mas não faltou um Lourenço regional a advertir que era melhor não falar dos futuros, exemplificando ocasionalmente a sua contrariedade com demissões, extinção de cursos, coloridas intervenções policiais generosamente destinadas a enriquecer a história desta casa.

A nova visão dos temas, dos factos, e dos métodos, em que se traduzia a contrariada proposta, apenas tinha viabilidade eliminando a definição de uma escola de quadros destinada a servir uma concepção administrativa da função colonizadora, e adquirindo a garantia e a independência do estatuto universitário.

É de justiça lembrar, nesta data, e em relação com essa vital mudança, o nome e a figura do Reitor Moisés Amzalak, o sereno humanista que durante tantos anos presidiu aos destinos da nossa Universidade Técnica.

Alheio às ambições da política, entregue às obrigações académicas e às actividades profissionais de economista, assumiu tranquilamente o projecto da nossa Escola, conduziu com autoridade o processo de integração na Universidade Técnica a que pertencemos, e manteve à distância, sem perturbação, os protestos nem sempre amenos do mais destacado adversário de qualquer mudança dos temas, dos métodos, da concepção administrativa, da função colonizadora, e da inclusão de toda essa problemática na estrutura universitária, usando para a molesta campanha a função de Reitor da Universidade de Lisboa, e a imagem da liderança política em crescimento.

Dos professores de então, que acompanharam a mudança com decisão e sacrifício, destacarei simbolicamente o Padre Silva Rego, o Santo como carinhosamente lhe chamavam os estudantes, mas que por vezes usava a mão com um peso que não é do acto de abençoar.

E também o primeiro grupo de jovens, que hoje não o parecem tanto, e que cumpriram rapidamente o dever assumido de obter os mais elevados graus académicos, a geração da nova fundação: Oscar Soares Barata, João Pereira Neto, Júlio Gonçalves, Políbio Valente de Almeida, Afonso Mendes, e um jovem assistente que nos veio de Coimbra, o Professor Narana Coissoró que, com grandes riscos, haveria de liderar os estudantes na grave agressão que sofremos por parte do último governo da Constituição de 1933.

No entretanto, entre a resistência vencida e a agressão sofrida, as tarefas da investigação, usando o Centro de Estudos Políticos e Sociais que a Junta da Investigação Científica do Ultramar confiou ao Instituto, e as várias missões organizadas para agirem no ultramar, traduziam-se no maior acervo português de informação publicada, em muitas dezenas de volumes, sobre a realidade social, económica, e política, da instável conjuntura.

E porque a função de prestar serviço à sociedade, fora dos muros universitários, também foi avançando, os volumes publicados demonstram uma intensa actividade traduzida em colóquios, conferências e debates, que tiveram muito de inovador nas décadas de cinquenta e de sessenta.

4. O corte revolucionário de 1974 atingiu severamente o Instituto muito por erro de perspectiva dos decisores políticos, muito porque não tinham sido felizes na avaliação da lealdade ao projecto da Escola por alguns convidados colaboradores mas, ainda assim, temos satisfação em



# HOTEL ROMA

\*\*\*

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA  
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P  
TELEFONE 76 77 61 (10 LINHAS)

## EM FÁTIMA:

\*\*\*

HOTEL SANTA MARIA  
Rua de Santo António  
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

## HOTEL DOM JOSÉ

Av D. José Alves Correia da Silva  
Telefs (049) 52215/52225 — Telex 43279



reconhecer que lhes enriqueceu a carreira a passagem por esta casa, que em geral modestamente omitem.

Também essa provação, que inclui a moderada inspiração de nos privar de grande parte deste edifício, abusivamente subtraída ao património da Universidade Técnica, demonstrou que eramos uma instituição, que o vigor era suficiente para sobreviver à tormenta, e para recuperar o prestígio e a função, tudo assegurado pela geração dos então jovens Doutores e assistentes e diplomados, que hoje estão aqui com o estatuto senatorial que a idade acrescenta impiedosamente aos títulos e aos cargos.

Podendo todos encontrar recompensa no facto de termos crescido em variedade e riqueza de competências, para cumprir a tarefa de investigar, de formar, de prestar serviço à comunidade numa data em que o desafio da mudança tem outra natureza, mas não menos intensidade.

Numa conjuntura marcada pelo liberalismo económico internacional, e com a economia social de mercado a servir de referência, é porem em toda a parte vasto o sector público, o Estado é desafiado para agir subordinando-se aos constrangimentos da concorrência, e a gerir o seu património com critérios de eficácia e de excelência: o vector da gestão e da administração pública, que esta escola foi a primeira a conceptualizar, continua a justificar e a exigir a fidelidade à primeira vocação do Instituto, assim como a consequente e lógica aproximação de estatutos de todos os trabalhadores exigiu a autonomização da sociologia do trabalho, em bom andamento, e a compreensão de que a política social é um amparo indispensável às programações internacionais e de governo.

Por outro lado, a chegada ao diálogo internacional, com voz própria e pela primeira vez na história, de todas as áreas culturais, encontra na experiência e saber acumulados no sector da antropologia cultural, que introduzimos nos currículos universitários, uma base indispensável para intensificar a busca da compreensão e o encontro de propostas, que não podem deixar de considerar o fenómeno das colónias interiores em progresso, e o multiculturalismo que emerge mesmo em antigos espaços europeus marcadamente nacionais.

Acontece que, neste fundamental domínio da cultura, as revoluções técnicas e científicas produziram a emergência de uma cultura transnacional muito derivada dos média, alteraram de tal modo a arte e a eficácia de comunicar que estudiosos falam da substituição da luta de classes pela luta das imagens, avulta risco de a realidade virtual captar as atenções que se descuidam dos factos, a cenografia toma o lugar do discurso, a *mise en scène* obriga as audiências a uma *prise en charge* sem conteúdo, e por isso as ciências

da comunicação social exigem apoio, autenticidade e ética, o que aqui se pratica com as carências sabidas.

Tratemos finalmente do Estado, visto conceitualmente, na data das origens da Escola, como uma entidade soberana a participar no sistema euromundista que tinha atingido o seu ponto mais alto de domínio mundial. Não podemos deter-nos aqui sobre o crise dessa criatura, que tantas vezes se liberta do criador, mas é aceleradamente evidente que as interdependências e dependências mundiais se tornam mais complexas, que a soberania muda de natureza, de composição e de objecto, que a hierarquia dos poderes se reformula mas permanece, que o deslizar para a categoria de Estado exíguo acontece a mais de uma dessas entidades, que a natureza de Estado exógeno se multiplica. A proeminência desses factores exigiu a autonomia do estudo das relações internacionais, e a sua dignificação universitária, causa pela qual lutamos durante anos perdidos, mas que finalmente consentiu ao Instituto assumir um lugar com autoridade numa área cuja importância não para de crescer. E que o levou a fazer vingar o entendimento de que a segurança é o conceito para a época, que a estratégia é uma complexa ciência a lidar com o desfibramento da antiga soberania unitária, que a compreensão da lógica dos poderes económico, financeiro, tecnológico, e militar, exige uma apurada metodologia de apreciação isolada de cada variável e de avaliação integrada do processo, e por isso o Instituto foi mais uma vez pioneiro na organização curricular.

Finalmente, é uma das escolas onde se compreendeu cedo que as revoluções científicas e técnicas desenvolvem os seus efeitos com afastamento da ética cujas referências foram sendo abandonadas, levando à crise de valores assumida pelas mais respeitadas instâncias. Por isso a ciência da política, integradora da maior parte do leque das inquietações académicas, nunca aqui foi versada sem grande atenção e referência às ideologias, às legitimidades, aos valores, respondendo à convicção de que todas as alternativas devem ser ensinadas com autenticidade e garantia da liberdade de escolha. Tem raízes próprias na antiga missionologia que faz parte do nosso património, no começo de escola específica de pensamento em que lembramos Silva Rego, Martim de Albuquerque, Banha de Andrade, e que tem continuação nos jovens professores que ressuscitam agora o estudo das ideias políticas, e também da história que faz parte da circunstância de cada povo, de cada instituição, de cada homem. Espero que tudo com fidelidade ao pensamento Theiardiano que manda olhar em frente e para cima.



## “GENTE”

*Na gente que vai  
Na gente que vem  
Na gente que passa, dispersa na rua  
Na gente ninguém.*

*Sei lá, que me interessa,  
Se a gente que passa,  
Ou vai mais depressa,  
Ou é fome o que tem.*

*Se chama justiça,  
Se parte p'rá guerra,  
Ou tem lá na terra,  
A Mãe Enfermiça.*

*Sei lá, que me interessa  
Na gente que vai, na gente que vem,  
Se busca fortuna, ou chora de amores  
Saudades de alguém.*

*Saudade dos Pais  
De filha ou irmã  
Sei lá de mais quem....*

*Saudade daquele  
Que longe moureja.  
Saudade que chora, anseio que viceja  
Na rua, hora a hora.*

*A gente que passa  
Dispersa na rua.  
A gente que passa  
-que vai e que vem-*

*A gente que eu, cego,  
Não via passar.  
-Não via passar  
Não era ninguém-*

*É gente que sofre,  
É gente que ri.  
É gente que vive, é gente que vive  
É gente! É alguém!*

*É gente que sofre,  
É gente que ri.  
É gente que vive  
É gente que vive  
É gente, É alguém.*

Francisco da Cunha Rosa

## A ARTE NA ROTA DOS DESCOBRIMENTOS

É com prazer que publicamos neste nº de Roteiros a seguinte nota da Comissão Municipal dos Descobrimentos de Lagos.

Ex. Senhor  
Pe. J. António de Aguiar

A Comissão Municipal dos Descobrimentos de Lagos, no prosseguimento do seu normal programa de actividades, organizará nos próximos dias 19 e 20 de Abril de 1996, no Centro Cultural de Lagos, um colóquio sobre A Arte na Rota dos Descobrimentos Portugueses, sob a direcção do Prof. Doutor Rafael Moreira, da Universidade Nova de Lisboa. Esta acção de formação, destinada essencialmente a professores dos ensinos básico e secundário, conta com o apoio do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e terá a colaboração de reputados especialistas nacionais e estrangeiros, que apresentarão comunicações sobre porcelana, ourivesaria, pintura, cartografia, urbanismo, arquitectura e outros temas afins.

## GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



**gertal**

### Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma seleção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxílios Educativos usufruirão do prazer de uma refeição esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

GERTAL - Av. Infante Santo, 23 - 12.º Esq. - Telef.: 67 67 34 - Telex: 33737 Gertal P. Lisboa - 1130 Lisboa  
PORTO - Rua Gonçalo Sampaio, 395 - Telef.: 69 99 02 - Telex: 23626 Gertal P. Porto - 4130 Porto



# VIDA DO INSTITUTO

Temos o prazer de comunicar aos nossos sócios que as obras da recuperação da nova sede do nosso Instituto estão acabadas e prontas para o Instituto retomar as suas actividades culturais.

No passado dia 21 de Novembro realizou-se na sede do Instituto uma Assembleia do Conselho de Sócios Fundadores sob a presidência do Prof. Adriano Moreira.

O Presidente da Direcção do Instituto informou os sócios Fundadores dos passos que se deram para chegarmos àquele momento importante para a vida do Instituto: Obras acabadas e licença camarária para a utilização das novas instalações para a sede do Instituto.

O Presidente da Direcção informou ainda a Assembleia sobre a situação financeira do Instituto prometendo um relatório mais pormenorizado quando se encerrarem as contas do ano em curso e se realizar a assembleia ordinária e obrigatória no primeiro trimestre de 1996.

A Direcção do Instituto recebeu uma carta da Presidência da "Associação de Jardins-Escolas de João de Deus" comunicando: «Lemos com o maior interesse a poesia "Romagem às levadas do tempo" de Francisco Cunha Rosa, publicada no Boletim informativo do

Instituto D. João de Castro "Roteiros" n.º 23, que ficará no Museu João de Deus guardada com grande apreço.

Assina, Maria Luísa de Deus P. Carvalho.

Parabéns ao nosso grande amigo e sócio do nosso Instituto, Francisco da Cunha Rosa.

A Livraria Almedina acaba de publicar mais uma obra do nosso Presidente da Assembleia de Sócios Fundadores, Prof. Adriano Moreira. "Teoria das Relações Internacionais", onde recolhe as lições dessa cadeira, que regiu no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e que agora rege nas Universidades Católica e Internacional.

É um volume de 522 páginas onde desenvolve em 7 Capítulos: Introdução, Teoria do poder, Os intervenientes, As forças em acção, A Ordem e os planos de contingência, Integração Internacional e participação Internacional e Organização Internacional.

A leitura e estudo desta obra é imprescindível para todos quantos se interessem por estes temas de Ciência Política.

Recomendamos a todos os nossos sócios do Instituto e leitores de Roteiros, a aquisição desta obra e sua leitura.

*Pe. Joaquim António de Aguiar*



Fachada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas